

## Teágenes de Régio e Metrodoro de Lâmpsaco: acerca da paternidade da exegese alegórica dos mitos homéricos

---

MARCOS MARTINHO

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

Universidade de São Paulo

marcos.martinho@usp.br

Entre os testemunhos de Teágenes de Régio (fl. 529-522 a.C.) recolhidos por H. Diels,<sup>1</sup> já poucos, um único atribui a Teágenes a paternidade da exegese alegórica dos mitos homéricos, o dos *sch. B*. Segundo estes, o enfrentamento dos deuses narrado em HOM. *Il.* XX 67-74 teria sido objeto de um julgamento; assim, ao passo que uns tinham por inútil e indecoroso o arazoado de Homero sobre os deuses, ou ainda, afirmavam que eram indecorosos os mitos do Poeta sobre os deuses,

---

<sup>1</sup> Os testemunhos são: [1.] o *Arrazoado para os belenos* de Taciano o Apologeta (ca. 172 d.C.); [1a.] dois escólios da *Arte* de Dionísio da Trácia, ou melhor, os escólios do Vaticano [= *sch. Vat.*] e os escólios de Londres [= *sch. Lond.*], que dependem daqueles; dois escólios da *Iliada*, ou melhor, [2.] uma lição dos escólios B [= *sch. B*], que dependeria de Porfírio de Tiro (séc. 233-305 d.C.), [3.] e outra dos escólios A [= *sch. A*]; [4.] Suidas (séc. X d.C.).

Teágenes teria resolvido tal acusação, por crer que, em HOM. *Il.* XX 67-74, tudo está dito por alegoria sobre os elementos da natureza e também sobre as disposições da alma; pois a estes Homero teria dado nomes de deuses, ou melhor, dos elementos da natureza, de um lado, teria dado ao fogo os nomes de Apolo, Sol e Hefesto, à água os de Posidão e Escamandro, à lua o de Ártemis, ao ar o de Hera, e das disposições da alma, de outro lado, teria dado à sensatez o nome de Atena, à insensatez o de Ares, ao apetite o de Afrodite, à razão o de Hermes. Em suma, segundo os *sch. B*, Teágenes, em primeiro lugar, teria tomado parte num julgamento de Homero e, então, teria usado da alegoria como de modo de defesa contra a acusação de impropriedade do arrazoado ou mitos homéricos sobre os deuses, e, em segundo lugar, teria substituído os nomes dos deuses pelos nomes dos elementos da natureza e das disposições da alma e, assim, teria traduzido a teologia homérica em física e ética. Ora, a fim de aferir a validade de tal testemunho, primeiro comento-o e depois confronto-o com os demais. Assim, investigo, antes de tudo, os *sch. B*, a fim de saber, de um lado, quem teriam sido os acusadores dos mitos homéricos, e por que os teriam acusado de impróprios, e, de outro lado, por que Teágenes os teria defendido por alegoria, e se de fato os teria defendido por alegorias físicas e éticas.

## 1. a teologia de Xenófanes de Colofão e a exegese filosófica de Homero

Antes de Teágenes, Pitágoras de Samo (582-500 a.C.), por exemplo, ao descer ao Hades, teria visto a alma de Hesíodo atada a uma coluna de bronze a gritar, e a de Homero a pender de uma árvore, e serpentes ao redor dela, por aquilo que disseram acerca dos deuses.<sup>2</sup> Depois de Teágenes, Heraclito de Éfeso (fl. 504-501 a.C.), por exemplo, teria afirmado que Homero era merecedor de ser expulso dos concursos e de ser açoitado,<sup>3</sup> e não pelo que disse dos deuses, senão porque mesmo a

---

<sup>2</sup> DL VIII 21: φησὶ δ' Ἱερώνυμος κατελθόντα αὐτὸν εἰς ἄδου τὴν μὲν Ἡσιόδου ψυχὴν ἰδεῖν πρὸς κίονι χαλκῷ δεδεμένην καὶ τρίζουσαν, τὴν δ' Ὀμήρου κρεμαμένην ἀπὸ δένδρου καὶ ὄφεις περὶ αὐτὴν ἀνθ' ὧν εἶπον περὶ θεῶν (Hierônimo, porém, afirma que, ao descer para a mansão de Hades, ele [= Pitágoras] viu a alma de Hesíodo atada a uma coluna de bronze e a gritar, e a de Homero a pender de uma árvore, e serpentes ao redor dela, devido ao que disseram dos deuses). Porém, os pitagoreus teriam usado de palavras de Homero e Hesíodo para a correção da alma (PYTHAGOREI frg. DK D 1: I 467,15-6: ἐχρώντο δὲ καὶ Ὀμήρου καὶ Ἡσιόδου λέξεσιν ἐξειλεγμέναις πρὸς ἐπανόρθωσιν ψυχῆς [usavam, porém, (os pitagoreus) de palavras tomadas tanto em Homero como em Hesíodo para a correção da alma]).

<sup>3</sup> HERACL. frg. DK B 42: τὸν τε Ὀμηρον> ἔφασκεν <ἄξιον ἐκ τῶν ἀγῶνων ἐκβάλλεσθαι καὶ ῥαπίζεσθαι> (afirmava, porém, [Heraclito] que Homero era merecedor de ser expulso dos concursos e de ser açoitado).

propósito do conhecimento das coisas visíveis Homero estaria enganado,<sup>4</sup> assim como nem mesmo o dia e a noite Hesíodo conheceria.<sup>5</sup> A julgar por um passo da *República* de Platão, porém, é a um contemporâneo que Teágenes teria respondido, ao defender Homero: a Xenófanés de Colofão (fl. 540-537 a.C.). Pois, de um lado, assim como Teágenes defende o enfrentamento e as guerras dos deuses narrados em HOM. *Il.* XX 67-74 (cf. THEAG. frg. DK 2: I 52,3: <έν> έναντιώσσει τών θεών [em enfrentamentos dos deuses]; I 52,7: μάχας [guerras]), porque crê que lá tudo está dito por alegoria, assim Sócrates acusa as guerras e batalhas dos deuses narradas em HOM. *Il.* XX 67-74 (cf. id. ib. II 378 d: θεομαχίας [guerras dos deuses]; 378 b: θεοί θεοίς πολεμοῦσί τε καί ἐπιβουλεύουσι καί μάχονται [deuses contra deuses fazem batalha e também trama e guerra]), embora admita que possam ter sido poetadas em subentendidos (cf. PLAT. *Rsp.* II 378 d: ἐν ὑπονοίαις [em subentendidos]; ib.: ἄνευ ὑπονοιῶν [sem subentendido]; ib.: ὑπόνοια [subentendido]).<sup>6</sup> De outro lado, é dos argumentos de Xenófanés que Sócrates se serve, então, para acusar, em geral, a teologia de Homero e Hesíodo (cf. PLAT. *Rsp.* II 378 d: περὶ θεολογίας [acerca do arrazoado relativo à divindade]). De fato, assim como Xenófanés considera Homero enganoso (cf. XENOPHAN. frg. DK A 1: 113,14: Ὀμηραπάτην [Homerenganador]; A 35: 123,28: Ὀμηραπάτης [Homerenganador]; 124,5: Ὀμηραπάτης [Homerenganador]; 124,5-6: τὴν παρ' Ὀμήρῳ ἀπάτην [o engano presente em Homero]), assim Sócrates considera os mitos de Hesíodo e Homero falsos (PLAT. *Rsp.* II 377 d; cf. 376 e: ψεύδος [falso]; 377 a: ψευδέσιν [falsos], ib.: ψεύδος [falso]; 377 d: ψευδεῖς [falsos]; ib.: ψεύδεται [se falsear]; 377 e: ψεύδος [falso]; 381 d: καταψευδέσθω [conte falsidade]; 381 e: ψευδέσθων [falseie]). Assim como Xenófanés afirma que deus eternamente permanece em si mesmo (cf. XENOPHAN. frg. DK B 26: I 135,11: αἰεὶ [...] μῖμνει

<sup>4</sup> HERACL. frg. DK B 56: I 163,1-3: ἐξηπάτηνται, φησίν, οἱ <ἄνθρωποι πρὸς τὴν γνώσιν τῶν φανερῶν παραπλήσιως Ὀμήρῳ, ὃς ἐγένετο τῶν Ἑλλήνων σοφώτερος πάντων (“Enganaram-se”, afirma [Heraclito], “os homens em relação ao conhecimento das coisas evidentes, à maneira de Homero, que foi o mais sábio dos helenos todos”); cf. A 22, 23; B 104. Porém, Heraclito teria reconhecido a competência de Homero em astrologia (id. frg. DK B 105).

<sup>5</sup> HERACL. frg. DK B 57: I 163,7-9: διδάσκαλος δὲ πλείστων Ἡσίοδος· τοῦτον ἐπίστανται πλείστα εἰδέναι, ὅστις ἡμέρην καὶ εὐφρόνην οὐκ ἐγίνωσκεν· ἔστι γὰρ ἔν> (Hesíodo, por sua vez, [foi] mestre de muitíssimos. Sustentam que ele sabia muitíssimas coisas, o qual não conhecia o dia e a [hora] aprazível [= noite]; pois [essas] são uma única coisa); cf. B 40, 106.

<sup>6</sup> Bem entendido, insinuo aqui a equiparação de ἀλληγορία e ὑπόνοια (alegoria e subentendido) proposta por Plutarco (ca. 46 - ca. 125 d.C.): ταῖς πάλαι μὲν ὑπονοίαις ἀλληγορίας δὲ νῦν λεγομέναις (com os outrora chamados subentendidos, agora alegorias) (PLUT. *De aud. poet.* 19 e).

[eternamente (...) permanece]),<sup>7</sup> assim Sócrates arrazoa que é verossímil que deus permaneça eternamente e simplesmente em sua forma (PLAT. *Rsp.* II 381 c; cf. *ib.*: μένει αἰεὶ [permanece eternamente]; 383 a). Enfim, Xenófanes e Teágenes não só foram contemporâneos, mas teriam escrito ambos sobre Homero e, em particular, sobre a vida do Poeta, ou melhor, Xenófanes teria provado que Homero é anterior a Hesíodo,<sup>8</sup> e Teágenes teria investigado o tempo em que Homero floresceu.<sup>9</sup>

Ora, Xenófanes teria escarnecido os versos enganosos de Homero,<sup>10</sup> ou melhor, teria escrito uns iambos contra Homero e Hesíodo, a escarnecer o que estes disseram acerca dos deuses.<sup>11</sup> Na verdade, o escárnio de Xenófanes respeitaria a isto de Homero ter forjado o deus a partir dos homens.<sup>12</sup> Pois Xenófanes teria dito que aos mortais parece que os deuses são gerados e têm as vestes deles e voz e compleição<sup>13</sup> e, daí, teria escarnecido Homero e Hesíodo porque tudo aos deuses impuseram quanto entre homens é odioso e vitupério: roubar e macular e enganar uns aos outros (cf. XENOPHAN. frg. DK B 11,3: κλέπτειν μοιχεύειν τε καὶ ἀλλήλους ἀπατεύειν [roubar e também cometer adultério e enganar uns aos outros]; B

<sup>7</sup> XENOPHAN. frg. B 26 DK: αἰεὶ δ' ἐν ταύτῳ μῖμνει κινεύμενος οὐδέν, / οὐδὲ μετέρχεσθαι μιν ἐπιπρέπει ἄλλοτε ἄλλῃ (Eternamente, porém, permanece em si, sem mover-se absolutamente, / nem lhe convém absolutamente mudar de um ponto a outro).

<sup>8</sup> XENOPHAN. frg. DK B 13: *alii Homerum quam Hesiodum maiorem natu fuisse scripserunt, in quibus Philochorus et X., alii minorem* (Uns escreveram que Homero fora mais velho que Hesíodo, entre os quais Filócoro e Xenófanes; outros, [que fora] mais jovem).

<sup>9</sup> THEAG. frg. DK 1: περὶ γὰρ [...] χρόνου καθ' ὃν ἤχμασεν προηρεύνησαν πρεσβύτατοι μὲν Θεαγένης τε ὁ Ῥηγίνος [...] (Pois, acerca do [...] tempo em que floresceu [Homero], os mais antigos a ser pioneiros na investigação [foram] não só Teágenes de Régio [...]).

<sup>10</sup> TIMON. frg. Wachsmuth 834,1: Ξεινοφάνης θ' ὑπάτυφος, Ὀμηραπάτης ἐπικόπτης (E Xenófanes, desiludido, escarnecedor de Homerenganador); cf. XENOPHAN. frg. DK A 1: I 113,12-4; A 35: I 123,28 - 124,2; A 19: I 115,34-5; A 23: I 116,7-8.

<sup>11</sup> DL IX 18: γέγραφε δὲ ἐν ἔπεισι καὶ ἐλεγείας καὶ ἰάμβους καθ' Ἡσιόδου καὶ Ὀμήρου, ἐπικόπτων αὐτῶν τὰ περὶ θεῶν εἰρημένα (Escreveu, porém, [Xenófanes] em eropeias, bem como elegias e iambos, contra Hesíodo e Homero, a escarnecer o que [estes] disseram acerca dos deuses); cf. XENOPHAN. frg. DK A 1: 113,18-9.

<sup>12</sup> TIMON. frg. Wachsmuth 834,2: [...] τὸν ἀπ' ἀνθρώπων θεὸν ἐπλάσσει [...] ([Xenófanes] forjou divindade distinta dos homens [...]).

<sup>13</sup> XENOPHAN. frg. DK B 14: ἀλλ' οἱ βροτοὶ δοκέουσι γεννάσθαι θεούς, / τὴν σφετέρην δ' ἐσθῆτα ἔχειν φωνὴν τε δέμας τε (Mas os mortais pensam que os deuses são gerados / e têm sua veste e voz e compleição); cf. B 15-6.

12,2).<sup>14</sup> De fato, Homero celebra o canto em que Demódoco narra os amores adúlteros de Ares e Afrodite (HOM. *Od.* VIII 266-369; cf. 332: μοιχάγρι' [adulterios]), e Hesíodo refere que o filho de Iápeto enganara Zeus (cf. HES. *Tb.* 565: ἐξαπάτησεν [enganou]), após roubar-lhe o fulgor admirável do fogo incansável (id. ib. 535-69; cf. 566: κλέψας [após roubar]).

Ora, a acusação de Xenófanes deve-se a que julga Homero, não segundo Homero, mas segundo ele mesmo; ou melhor, Xenófanes julga os mitos de Homero segundo seu arrazoado sobre os deuses. De fato, é parecer de Xenófanes que deus seja único e entre deuses e homens o maior, nem na compleição semelhante a mortais nem no entendimento,<sup>15</sup> e que inteiro vê e inteiro entende e inteiro escuta,<sup>16</sup> e que eternamente permanece em si mesmo, sem mover-se, e não lhe é apropriado transitar de um lado para outro.<sup>17</sup> Porém, se deus é entre deuses e homens o maior, como diz Homero que o filho do magnânimo Tídeu, enristado, feriu a ponta da mão de Cípris, delicada, com a lança aguda, de um salto (HOM. *Il.* V 335-7)? E, embora justifique que o Tídeus perseguia Cípris com o bronze impiedoso porque a deusa é imbele, nem é das deusas que comandam a batalha dos homens, nem é Atena nem a Destruidora-de-cidade Enio (id. ib. V 330-3), não tarda a narrar como o mesmo Diomedes não temia o grande deus, Apolo (id. ib. V 434), que, por isso, vai queixar-se ao ardoroso Ares, a dizer-lhe que o Tídeus, que primeiro feriu Cípris na mão, junto ao punho, e depois se insuflou contra ele mesmo, semelhante a um demônio, agora batalharia até contra o pai Zeus (id. ib. V 455-9), e como, daí, o mesmo Diomedes, não sem a ajuda de Pálade Atena (id. ib. V 856-7), feriu Ares, atingindo-o, e rasgou a bela pele e de lá arrancou a lança, e como o brônzeo Ares berrou (id. ib. V 858-63). Na verdade, que dizer dos casos que Dione rememora para consolar a filha: de como sofrem os que têm os domicílios olímpios por causa dos homens (id. ib. V 383-4); de como sofreu Ares, quando o forte Oto e Efiáltes o encadearam com forte cadeia, e ele num

<sup>14</sup> XENOPHAN. frg. DK B 11: πάντα θεοῖσ' ἀνέθηκαν "Ὀμηρός θ' Ἡσίοδος τε, / ὅσσα παρ' ἀνθρώποισιν ὀνειδέα καὶ ψόγος ἐστίν, / κλέπτειν μοιχεύειν τε καὶ ἀλλήλους ἀπατεύειν (Tanto Homero como Hesíodo atribuíram aos deuses tudo / quanto entre os homens é vergonhoso e vitupério: / roubar, cometer adultério, enganar uns aos outros); B 12: ὡς πλείστ' ἐφθέγγαντο θεῶν ἀθεμίστια ἔργα, / κλέπτειν μοιχεύειν τε καὶ ἀλλήλους ἀπατεύειν ([Homero e Hesíodo] referiram muitíssimos atos ilegítimos dos deuses: / roubar, cometer adultério, enganar uns aos outros).

<sup>15</sup> XENOPHAN. frg. DK B 23: εἷς θεὸς ἔν τε θεοῖσι καὶ ἀνθρώποισι μέγιστος, / οὐ τι δέμας θνητοῖσιν ὁμοῖος οὐδὲ νόημα (Um único é deus, o maior tanto entre deuses como entre homens, / nem na compleição semelhante aos mortais, nem no entendimento).

<sup>16</sup> XENOPHAN. frg. DK B 24: οὐλος ὄραϊ, οὐλος δὲ νοεῖ, οὐλος δὲ τ' ἀκούει (Inteiro vê, e inteiro entende, e inteiro escuta).

<sup>17</sup> XENOPHAN. frg. DK B 26: αἰεὶ δ' ἐν ταύτῳ μίμνει κινεύμενος οὐδέν, / οὐδὲ μετέρχεσθαι μιν ἐπιπρέπει ἄλλοτε ἄλλῃ (Eternamente, porém, permanece em si, sem mover-se absolutamente, / nem lhe convém absolutamente mudar de um ponto a outro).

vaso brônzeo esteve encadeado por treze meses e teria sido aniquilado se a madrasta daqueles, a mui bela Eribéia, não tivesse anunciado aquilo a Hermes (id. ib. V 385-91); de como Hera sofreu, quando o forte menino de Anfitrião a golpeou com a seta de três pontas junto ao seio direito (id. ib. V 392-4); de como Ades sofreu de uma seta aguda, assim que o mesmo varão, tendo-a lançado em Pilo entre os mortos, o entregou à dor (id. ib. V 395-404)? Assim também, se deus nem na compleição é semelhante a mortais nem na voz (cf. XENOPHAN. frg. DK B 23: δέμας [na compleição]; B 14: φωνήν τε δέμας τε [tanto na voz como na compleição]), como diz Homero que Posidão ora toma o aspecto de Calcante pela compleição e pela voz (cf. HOM. *Il.* XIII 45: [...] δέμας καὶ [...] φωνήν [(...) na compleição e (...) na voz]; *Od.* XI 241) ora o de Troante pelo tom (cf. id. *Il.* XIII 216: [...] φθογγήν [...] [(...) no tom (...)]), ou que Atena toma o aspecto de Fenice pela compleição e pela voz (cf. id. ib. XVII 555: [...] δέμας καὶ [...] φωνήν [(...) na compleição e (...) na voz]; *Od.* I 105; VI 24), ou que Apolo toma o aspecto de Licão pela voz (cf. id. *Il.* XX 81: [...] φωνήν [(...) na voz]; XVI 715-6. 720; XVII 71-3. 326. 585)<sup>18</sup> Assim também, se deus eternamente permanece em si mesmo, sem mover-se, e não lhe é apropriado transitar de um lado para outro, como diz Aquiles que os deuses podem vir do Olimpo até Pátroclo (id. ib. XVI 93-4)? Como diz Hera que os deuses desceram todos do Olimpo a enfrentar-se no combate (id. ib. XX 125-6)? Como diz Homero que Atena veio dos cumes do Olimpo para a terra, ou melhor, que de lá veio ora para junto das naus dos aqueus (id. ib. II 166-8) ora para a sagrada Ílio (id. ib. VII 17-20. 25. 35; XXII 186-7) ora para a terra de Ítaca, para o porto de Odisseu (id. *Od.* I 102-4; XXIV 487-8)?

Logo, pode-se concluir, em primeiro lugar, que Homero teria sido acusado por filósofos do séc. VI a.C., ou ainda, que as guerras dos deuses narradas em HOM. *Il.* XX 67-74 teriam sido escarnecidas por Xenófanés, e, em segundo lugar, que aqueles filósofos teriam acusado os mitos de Homero de impróprios porque uns, como Pitágoras, os teriam julgado à luz de seu arrazoado sobre os deuses, e outros, como Heraclito, à luz de seu arrazoado sobre a natureza e a alma. Tais teriam sido, pois, os acusadores, e tais as causas da acusação. Daí, porém, fácil se conclui que Teágenes, ao equiparar os deuses a elementos da natureza e a disposições da alma, teria visado a acomodar os mitos de Homero aos arrazoados físicos e éticos dos filósofos e, com isso, a defender o Poeta contra os filósofos que acusam o arrazoado teológico deste. Porém, ao passo que ao libelo basta o que se entende dos mitos de Homero, à replica impõe-se o que se subentende. Seja como for, tanto os acusadores como os defensores julgam Homero, não segundo Homero, mas segundo eles mesmos: aqueles, mostrando

<sup>18</sup> A par dos referidos deuses, Homero ainda descreve como tomaram o aspecto de mortais Afrodite (HOM. *Il.* III 385-9), Hera (id. ib. V 784-6), Aquelôo (id. ib. XXI 212-3).

como discrepa do arrazoado filosófico o que se entende dos mitos homéricos, e estes, descobrindo como se acomoda àquele o que se subentende destes. Se, porém, é do arrazoado teológico de Xenófanés que os mitos homéricos discrepam, é para investigar, agora, a quem Teágenes vai buscar os arrazoados físicos e éticos aos quais acomode os mitos homéricos.

Ora, de um lado, a exegese alegórica de Teágenes supõe, segundo os *sch.* B, que, assim como os elementos da natureza se enfrentam, assim também os deuses; ou ainda, assim como o seco combate com o aquoso, e o quente com o frio, e o leve com o pesado, assim também Posidão se bate com Febo Apolo, e Hera com Ártemis, e Escamandro com Hefesto, porque Posidão e Escamandro são nomes que Homero empresta à água, e Febo Apolo e Hefesto, nomes que empresta ao fogo, e Hera e Ártemis, nomes que empresta, respectivamente, ao ar e à lua. Demais, diz que o enfrentamento preside a todos os elementos de que se constitui o universo, de maneira que este se corrompa nas partes, mas permaneça eternamente no todo.<sup>19</sup> Logo, a exegese alegórica de Teágenes supõe arrazoado físico segundo o qual: 1º o universo é constituído por elementos que se enfrentam, de maneira que o todo permaneça, enquanto as partes perecem, 2º se enfrentam ou se batem, de um lado, água e fogo e, de outro, ar e lua, 3º os elementos se opõem de acordo com a umidade (seco e aquoso), a temperatura (quente e frio) e o peso (leve e pesado).

Ora, tal arrazoado pode-se aproximar ao arrazoado de Empédocles de Agrigento sobre os quatro elementos da natureza. Pois Empédocles, sobre dizer que são quatro aqueles elementos, atribui-lhes, antes de tudo, nomes de deuses, a chamar o sol Apolo, e o ar Hera, e o quente Zeus, ou melhor, diz que são quatro as raízes de tudo: Zeus, brilhante [= fogo], e Hera, portadora de vida [= ar], e Adoneu [= terra], e Néstide, que com lágrimas

---

<sup>19</sup> THEAG. frg. DK 2: I 52,2-10: ἀλληγορίαί πάντα εἰρησθαι νομίζοντες ὑπὲρ τῆς τῶν στοιχείων φύσεως, οἷον <έν> ἐναντιώσσει τῶν θεῶν. καὶ γάρ φασι τὸ ξηρὸν τῷ ὑγρῷ καὶ τὸ θερμὸν τῷ ψυχρῷ μάχεσθαι καὶ τὸ κοῦφον τῷ βαρεῖ. ἔτι δὲ τὸ μὲν ὕδωρ σβεστικὸν εἶναι τοῦ πυρός, τὸ δὲ πῦρ ξηραντικὸν τοῦ ὕδατος. ὁμοίως δὲ καὶ πᾶσι τοῖς στοιχείοις, ἐξ ὧν τὸ πᾶν συνέστηκεν, ὑπάρχειν ἐναντιώσιν [...]. μάχας δὲ διατίθεσθαι αὐτόν, διονομάζοντα τὸ μὲν πῦρ Ἀπόλλωνα καὶ Ἥλιον καὶ Ἥφαιστον, τὸ δὲ ὕδωρ Ποσειδῶνα καὶ Σκάμανδρον, τὴν δ' αὖ σελήνην Ἄρτεμιν, τὸν ἀέρα δὲ Ἥραν καὶ τὰ λοιπὰ (por crerem que tudo está dito [em Homero] em alegoria sobre a natureza dos elementos, como nas oposições dos deuses. Pois afirmam que tanto o seco luta com o úmido, como o quente com o frio, como o leve com o pesado; ou ainda, que a água é capaz de apagar o fogo, e o fogo, de secar a água; senão também que a todos os elementos, de que se constitui o todo, subsiste oposição [...]. Ele [= Homero] expõe embates, a nomear o fogo Apolo, Hélios, Hefesto, e a água Posidon, Escamandro, e a lua Ártemis, e o ar Hera, etc.).

tinge fonte mortal [= água],<sup>20</sup> e cresce, daí, que dos quatro elementos se faz o todo, e que a natureza deles está a constar de enfrentamentos ou oposições (cf. EMPED. frg. DK A 33: I p. 289, l. 24: ἐξ ἐναντίων [de opostos]), isto é, de secura e umidade e quentura e frieza.<sup>21</sup> Demais, se também Heraclito fala em oposição ou enfrentamento dos elementos da natureza (cf. HER. EPH. frg. DK A 1: I 141,10-1.19; A 8: I 145,35; A 14: I 147,21; A 22: I 149,29) e chama batalha e rixa o que conduz à geração, e concórdia e paz, o que conduz à combustão (cf. id. frg. DK A 1: I 141,22-4; B 53, 80), Empédocles, por sua vez, imputa a deuses a unificação e divisão dos elementos, ou melhor, à Amizade ou Afrodite a unificação, e à Gana a divisão.<sup>22</sup> De maneira que Empédocles não só arrazoia que os elementos da natureza são quatro e, ademais, se opõem ou enfrentam, mas toma por deuses tanto os elementos como os agentes que promovem as oposições ou enfrentamentos e, daí, a unificação e divisão dos elementos. Por isso, aliás, a doutrina dele pareceu a alguns antes mito sobre os deuses que arrazoado sobre a natureza, como admite o estrangeiro no *Sofista* de Platão, em que, ademais, se refere a Empédocles como à Musa de Sicília.<sup>23</sup>

<sup>20</sup> EMPED. frg. DK A 23: εἰσὶν δὲ τοιοῦτοι, ὅταν Ἀπόλλωνος ὕμνον λέγοντες ἥλιον αὐτὸν εἶναι φάσκωμεν καὶ περὶ τοῦ ἡλίου τῆς φύσεως διαλεγόμεθα καὶ περὶ Ἡρας ὅτι ἀήρ καὶ Ζεὺς τὸ θερμόν (Há, por sua vez, tais [hinos físicos], quando, ao dizer um hino de Apolo, afirmarmos que ele é o sol e discorrermos sobre a natureza do sol, e acerca de Hera [afirmarmos] que [ela é] o ar, e Zeus o calor); B 6: τέσσαρα τῶν πάντων ριζώματα πρώτων ἄκουε. / Ζεὺς <αἰθήρ> Ἡρῆ τε φερέσβιος ἢδ' Αἰδωνεύς / Νῆστis θ', ἢ σακρούis τέγγει κρούνωμα βρότειον (Ouve, primeiro, as quatro raízes de tudo: / Zeus, esplendor; Hera, portadora de vida; Adoneu; / Néstide, que com lágrimas tinge fonte mortal); cf. A 1: I 282,8-9; A 33.

<sup>21</sup> EMPED. frg. DK A 33: I 289,23-5: ἐκ τεσσάρων οὖν στοιχείων τὸ πᾶν, τῆς τούτων φύσεως ἐξ ἐναντίων συνεστῶσης, ξηρότητός τε καὶ ὑγρότητος καὶ θερμότητος καὶ ψυχρότητος (Logo, o todo [é constituído] de quatro elementos, sendo a natureza desses constituída de opostos: tanto de secura como de umidade e de calor e de frieza).

<sup>22</sup> Cf. EMPED. frg. DK A 1: I 282,6-8; 28; 29; 30; 31; 32; 33; 37; 38; 39; 40; 41; 42; 45; 52; B 16; 17; 19; 20; 22; 26; 27; 29; 30; 31; 35; 115; 131.

<sup>23</sup> PLAT. *Soph.* 242 c-e (= EMPED. frg. DK A 29; HER. EPH. frg. DK A 10): Μῦθόν τινα ἕκαστος φαίνεται μοι διηγείσθαι παισὶν ὡς οὖσιν ἡμῖν [...]. Ἰάδες δὲ καὶ Σικελαὶ τινες ὕστερον Μοῦσαι συνενόησαν ὅτι συμπλέκειν ἀσφαλέστατον ἀμφοτέρα καὶ λέγειν ὡς τὸ ὄν πολλά τε καὶ ἓν ἔστιν, ἔχθρα δὲ καὶ φιλία συνέχεται. διαφερόμενον γὰρ αἰεὶ συμφέρεται, φασὶν αἰεὶ συντονώτεραι τῶν Μουσῶν. αἰ δὲ μαλακώτεροι τὸ μὲν αἰεὶ ταῦτα οὕτως ἔχειν ἐχάλασαν, ἐν μέρει δὲ τοτὲ μὲν ἓν εἶναι φασὶ τὸ πᾶν καὶ φίλον ὑπ' Ἀφροδίτης, τοτὲ δὲ πολλά καὶ πολέμιον αὐτὸ αὐτῷ διὰ νεϊκός τι (Cada um parece-me narrar algum mito a nós como a crianças [...]. Posteriormente, porém, algumas Musas iônicas [= Heraclito] e sicilianas [= Empédocles] entenderam que o mais seguro [era] abranger ambas e dizer que o ser é tanto muitas como uma única coisa, e que [o ser] se mantém por aversão e amizade; pois, “ao divergir, sempre converge”, afirmam as mais tesas das Musas [= Heraclito; cf. HERACL. B 10]. As mais moles [= Empédocles; cf. EMPED. B 17], por sua vez, relaxaram isso de essas coisas se manterem assim eternamente e afirmam que sucessivamente ora o todo é uma única coisa e amigo [de si] sob a influência de Afrodite, ora muitas coisas e ele próprio em guerra consigo por causa de certa querela).

A julgar por um passo da *Metafísica* de Aristóteles, porém, é flagrante o anacronismo. Pois diz Aristóteles, primeiro, que o mais dos que primeiro filosofaram pensava que os únicos princípios de tudo são os que estão no aspecto da matéria; observa, depois, que sobre a quantia e o aspecto desse princípio nem todos arrazoam o mesmo; ilustra, enfim, tal notícia dizendo que Tales de Mileto arrazoava que é a água,<sup>24</sup> e Anaxímenes de Mileto que é o ar,<sup>25</sup> e Heraclito de Éfeso que é o fogo,<sup>26</sup> e Empédocles de Agrigento que são quatro elementos, aponto aos anteriores um quarto, a terra<sup>27</sup> (ARSTT. *Met.* I 3,2-4 983 b - 984 a [= THAL. frg. DK A 12; HER. EPH. frg. DK A 5; EMPED. frg. DK A 28]).<sup>28</sup> Logo, se Tales (624-548 a.C.) floresceu entre os anos de 582 e 581 a.C. (THAL. frg. DK A 1: I 67,11-2), e Anaxímenes (588-524 a.C.) entre os anos de 560 e 557 a.C. (ANAXIMEN. MIL. frg. DK A 1, 2, 3), e Heraclito (535-475 a.C.) entre os anos de 504 e 501 a.C. (HER. EPH. frg. DK A 1, 1a), e Empédocles (490-435 a.C.) entre os anos de 450 e 447 a.C. (EMPED. frg. DK A 1, 2, 8, 9), claro está que Teágenes de Régio, que floresceu entre os anos de 529 e 522 a.C. (THEAG. frg. DK 1), só poderia ter conhecido as doutrinas daqueles sábios de Mileto.

De outro lado, a exegese alegórica de Teágenes supõe, segundo os *sch.* B, que, assim como as disposições da alma se batem umas com as outras, assim os deuses, porque Atena e Ares são nomes que Homero empresta respectivamente à sensatez e insensatez, e Hermes e Afrodite nomes que empresta respectivamente à razão e apetite.<sup>29</sup> Logo, a exegese alegórica de Teágenes supõe arrazoado ético segundo o qual: 1º a alma se divide em sensatez e insensatez, em razão e apetite, 2º se enfrentam ou se batem, de um lado, a sensatez e a insensatez e, de outro, a razão e o apetite.

Ora, é verdade que os pitagóricos dividiam a alma do homem em três partes, a saber: em intelecto, em senso, em furor, e as situavam, ademais, em partes distintas do corpo humano, assim: o furor no coração, e o senso

<sup>24</sup> Cf. THAL. frg. DK A 12, 13, 14, 15, 23.

<sup>25</sup> Cf. ANAXIMEN. MIL. frg. DK A 1, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 22; B 2, 3.

<sup>26</sup> Cf. HER. EPH. frg. DK A 1, 5, 8, 10, 14a; B 30, 31, 66, 67.

<sup>27</sup> Cf. EMPED. frg. DK A 1, 21, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 48, 49, 51, 66, 68, 78, 86; B 6, 17, 22, 71.

<sup>28</sup> Cf. ISOCR. *Ant.* 268: ὦν ὁ μὲν ἄπειρον τὸ πλῆθος ἔφησεν εἶναι τῶν ὄντων, Ἐμπεδοκλῆς δὲ τέτταρα καὶ νεῖκος καὶ φιλίαν ἐν αὐτοῖς, Ἴων δ' οὐ πλείω τριῶν, Ἀλκμέων δὲ δύο μόνα, Παρμενίδης δὲ καὶ Μέλισσος ἐν, Γοργίας δὲ παντελῶς οὐδέν (dos quais [antigos sofistas] um afirmou que o conjunto dos seres é indefinido, e Empédocles, que são quatro coisas, e que [há] querela e amizade nelas, e Ião, que são não mais que três, e Alcmeão, que são duas únicas, e Parmênides e Melisso, que é uma única coisa, e Górgias, que não é nada de todo).

<sup>29</sup> THEAG. frg. DK 2: I 52,10-2: ὁμοίως ἔσθ' ὅτε καὶ ταῖς διαθέσεσιν ὀνόματα θεῶν τίθεναι, τῆι μὲν φρονήσει τὴν Ἀθηνᾶν, τῆι δ' ἀφροσύνηι τὸν Ἄρεα, τῆι δ' ἐπιθυμίαι τὴν Ἀφροδίτην, τῶι λόγῳ δὲ τὸν Ἑρμῆν, καὶ προσοικεῖοσσι τούτοις (Assim também, é possível que também às disposições [da alma] atribua nomes de deuses: à sensatez Atena, e à insensatez Ares, e ao apetite Afrodite, e à razão Hermes, e assim por diante).

e intelecto no cérebro (PYTHAGOREI frg. DK B 1: I 450,15-9; cf. B 15: I 455,11-2), de maneira que a tripartição da alma humana proposta em alguns diálogos de Platão, por exemplo, dependeria daqueles (cf. PLAT. *Phaedr.* 246 a, 253 c-e; *Rsp.* IV 434 e - 441 c; IX 580 b - 590 d; *Tim.* 69 c - 72 d; *Leg.* IX 863 a-c), e não seria acaso, pois, que Timeu de Lócride, que se poderia vincular ao pitagorismo, expõe, no diálogo homônimo, a doutrina da tripartição da alma, dizendo que os deuses colocaram o princípio imortal da alma na cabeça, e o mortal no peito e tronco (id. *Tim.* 69 e), ou melhor, a parte que compartilha da virilidade e furor, entre o diafragma e o pescoço (id. ib. 70 a), e a parte apetente, entre o diafragma e o umbigo (id. ib. 70 d-e). Porém, as alegorias de Teágenes parece que se aproximam mais diretamente a Platão, quer pela doutrina que supõem quer pelos termos que empregam. De fato, assim como Teágenes denomina as partes da alma φρόνησις e ἀφροσύνη, ἐπιθυμία e λόγος (sensatez e insensatez, apetite e razão), assim também Sócrates, na *República*, denomina as três partes da alma λογιστικόν, ἀλόγιστον ou ἐπιθυμητικόν, θυμός (racional, irracional ou apetente, sanha) (id. *Rsp.* IV 439 d-e), ao passo que os pitagóricos denominam as partes da alma νοῦς, φρήν e θυμός. Demais, assim como Teágenes interpreta o combate dos deuses como combate das partes da alma humana, assim também Sócrates diz que a cólera batalha contra os apetites (cf. id. ib. 440 a: πολεμεῖν [batalhar]), ou que, na sedição dos apetites contra a razão (cf. id. ib. 440 b: στασιαζόντων [a fazer sedição]), o furor se faz combatente aliado da razão (cf. id. ib.: σύμμαχον [combatente]), ou que, na sedição da alma, o aspecto furioso põe suas armas a favor do racional (cf. id. ib. 440 e: ἐν τῇ τῆς ψυχῆς στάσει τίθεσθαι τὰ ὄπλα πρὸς τὸ λογιστικόν [que na sedição da alma põe as armas em favor do racional]).

Logo, pode-se concluir que são anacrônicas ambas as exegeses alegóricas atribuídas a Teágenes pelos *sch. B*, na medida em que uma supõe o arrazoado físico de Empédocles sobre os quatro elementos da natureza, e a outra o arrazoado ético de Platão sobre as três partes da alma. Agora, porém, confronto os *sch. B* com os demais testemunhos, a fim de saber quem teria sido Teágenes, e se teria feito, ainda que não as a ele atribuídas pelos *sch. B*, qualquer exegese alegórica por meio da qual acomodasse os mitos homéricos a algum arrazoado filosófico e, assim, defendesse Homero contra os acusadores deste.

## 2. o helenismo de Teágenes de Régio e a exegese gramatical de Homero

A par dos *sch. B*, também os *sch. A* da *Iliada* mencionam o nome de Teágenes. Porém, ao passo que aqueles dizem que Teágenes teria usado da

alegoria para acomodar os mitos homéricos ao arrazoado filosófico e, assim, defender Homero contra a acusação de impiedade dos filósofos do séc. VI a.C., os *sch. A* ilustram a exegese homérica de Teágenes com uma emenda a HOM. *Il.* I 381, em que Teágenes substitui μάλα (muito) por ῥά νύ [agora, pois]. Em outras palavras, ao passo que os *sch. B* testemunham de uma exegese mais filosófica ou teológica, os *sch. A* testemunham de uma exegese mais gramatical ou filológica. Ora, dos testemunhos externos à tradição escoliástica de Homero, o dos escólios da *Arte* de Dionísio da Trácia parece corroborar o dos *sch. A* da *Iliada*, por identificar o ofício de Teágenes com o do gramático. Em geral, os escólios do Vaticano e os escólios de Londres dizem que Teágenes foi o principiadador da nova gramática; em particular, os *sch. Vat.* explicam que a gramática é dupla, porque uma, antiga, se incumbem das figuras e sons das letras, e a outra, mais nova, do helenismo, ou ainda, porque o termo da gramática antiga é ler, e o da mais nova escrever (id. ib. frg. DK 1 a: *Sch. Vat. D. Thr.* “Proleg.”: GG I/3 164,23-9), e os *sch. Lond.* explicam que a gramática difere da gramatística, porque a gramática, mais nova, tem por termo a escrita, e a gramatística, antiga, a leitura (*Sch. Lond. D. Thr.* 1: GG I/3 448,12-6); daí, ambos testemunham de que a gramática mais nova foi principiada por Teágenes, e aperfeiçoada pelos peripatéticos, ou melhor, por Praxífanos de Rodes (ca. 300 a.C.) e Aristóteles.

De fato, é Aristóteles que, na *Retórica*, cunha o termo ἑλληνίζειν (helenizar) (ARSTT. *Rhet.* III 5,1 1407 a 20). Então, identifica-o com o princípio da elocução, dividindo-o em cinco, a saber: em usar bem das conjunções, em usar dos nomes específicos, em não usar dos ambíguos, em diferenciar os gêneros dos nomes e em nomear corretamente o muito, o pouco e o uno (id. ib. III 5,1 1407 a 19 - 1407 b 10). Já os *sch. Vat.* e os *sch. Lond.* identificam o helenismo com o termo da gramática,<sup>30</sup> definindo-o como palavra sã e complexo não desviado de partes da oração,<sup>31</sup> de modo que o opõe ao barbarismo e ao solecismo, na medida em que dizem

---

<sup>30</sup> *Sch. Vat. D. Thr.* “Proleg.”: GG I/3 113,25-6: καὶ γὰρ τὸ τέλος αὐτῆς [sc. τῆς γραμματικῆς] ἐστὶ τὸ διὰ τοῦ ἑλληνισμοῦ τὰ ἀσαφῆ σαφηνίσαι, ἀλλὰ καὶ αἴτιον αὐτῆς ἡ σαφήνεια (Pois tanto o termo dela [= gramática] é esclarecer o falto de clareza por meio do helenismo, como também a causa dela é a clareza); *Sch. Lond. D. Thr.* “Proleg.”: GG I/3 446,6: Τέλος τῆς γραμματικῆς ὁ ἑλληνισμὸς (O termo da gramática é o helenismo).

<sup>31</sup> *Sch. Lond. D. Thr.* “Proleg.”: GG I/3 446,12-4: Ἔστι δὲ ἑλληνισμὸς λέξις ὑγιῆς καὶ ἀδιάστροφος λόγου μερῶν πλοκῆ κατάλληλος κατὰ τὴν παρ' ἐκάστοις ὑγιῆ καὶ γησιῶν διάλεκτον (Helenismo, por sua vez, é palavra sã e complexo não desviado de partes da oração segundo o falar são e genuíno de cada uma).

“palavra sã” por oposição a barbarismo, e “complexo não desviado de partes da oração” por oposição a solecismo.<sup>32</sup>

Na verdade, das cinco partes em que divide o *ἔλληνίζειν* (falar grego), Aristóteles atribui a quarta, isto é, a diferenciação do gênero, a Protágoras de Abdera (ca. 480-411 a.C.) (id. ib. III 5,1 1407 b 6-9 = PROT. frg. DK A 27; cf. C 3), assim como, na *Poética*, a diferenciação do modo (ARSTT. *Poet.* 19 1456 b 15-8 = PROT. frg. DK A 29), e diz, nas *Refutações sofisticas*, que o mau uso do gênero é *σολοικισμός* (solecismo) segundo Protágoras (ARSTT. *Soph. el.* 14 173 b 17-22 = PROT. frg. DK A 28; cf. C 3). Platão, porém, atribui a Protágoras, no *Crátilo*, o cuidado com a *ὀνομάτων ὀρθότης* (correção das palavras) (PLAT. *Crat.* 391 b-d = PROT. frg. DK A 24) e, no *Fedro*, o cuidado com a *ὀρθοέπεια* (ortoepia) (PLAT. *Phaedr.* 266 d - 267 d = PROT. frg. DK A 26); em outras palavras, atribui-lhe o cuidado, não com a correção dos acidentes da palavra, seja nominais, como o gênero, seja verbais, como o modo, mas com a correção da própria palavra, isto é, com a referência da palavra à coisa. De fato, no *Crátilo*, Hermógenes convida Sócrates a tomar parte na conversa sobre a *ὀνομάτων ὀρθότης* (correção das palavras) (PLAT. *Crat.* 383 a - 384 a), que é o mesmo que nomear as coisas corretamente (id. ib. 387 b - 390 e; cf. 387 d: *τὰ πράγματα ὀνομάζειν τε καὶ ὀνομάζεσθαι* [nomear as coisas e também ser nomeado]; 396 a-b: *ὀρθῶς ὀνομάζεσθαι* [ser nomeado corretamente]), ou ainda, impor às coisas os nomes específicos a elas. Daí, poder-se-ia atribuir a Protágoras também a segunda das cinco partes em que Aristóteles divide o *ἔλληνίζειν* (falar grego), isto é, o uso dos nomes específicos (ARSTT. *Rhet.* III 5,1 1407 a 31-2), que se aproximam aos próprios e aos familiares (id. ib. III 2,1 1404 b 5-8; 2,2 1404 b 31-2).

Ora, segundo os *sch. B*, Teágenes concebe a alegoria não só como modo de nomear algo ou de impor um nome a algo (cf. THEAG. frg. DK 2: I 52,8: *διονομάζοντα* [a nomear]; I 52,10: *ὀνόματα* [...] *τιθέναι* [impor (...) nomes]), mas como modo de nomear algo impropriamente ou de impor a algo nome impróprio, pois concebe a alegoria como modo de impor nome de animado a inanimado, ou melhor, de impor nomes de deuses (cf. id. ib. I 52,10: *ὀνόματα θεῶν* [nomes de deuses]) a elementos da natureza (id. ib.: I 52,2-10) e a disposições da alma (id. ib.: I 52,10-2). Na verdade, a alegoria poder-se-

<sup>32</sup> *Sch. Lond. D. Thr.* “Proleg.”: GG I/3 446,10-1: *ἀντίκειται δὲ ὁ βαρβαρισμός καὶ ὁ σολοικισμός τῷ ἔλληνισμῷ* (O barbarismo, por sua vez, e o solecismo opõem-se ao helenismo); 446,31-4: *Ὁ δὲ παρὰ τὸν ἔλληνισμὸν ὀμιλῶν ἦτοι βαρβαρίζει ἢ σολοικίζει. εἰς γὰρ δύο διήρηται ἡ οἰκουμένη, εἷς τε βάρβαρα καὶ Ἑλληνικά, καὶ τὸ μὲν ἀπλῶς ἔλληνίζειν εἶρηται, τὸ δὲ βαρβαρίζειν* (Aquele que se expressa contrariamente ao helenismo, ou comete barbarismo ou comete solecismo; pois a terra habitada divide-se em duas: tanto em coisas bárbaras como em coisas helénicas, e um chama-se simplesmente falar grego, e o outro falar bárbaro).

ia dizer, segundo Aristóteles, μεταφορά (metáfora), na medida em que transfere a uma coisa nome alheio a esta,<sup>33</sup> ou, segundo os *sch. Lond.*, τρόπος (tropo) (*Sch. Lond. D. Thr.* 1: GG I/3 456,8-14; 457,1-4), na medida em que desvia a palavra do que é próprio para o que é impróprio a ela.<sup>34</sup> Seja como for, tal modo de nomear poderia ter ocupado Teágenes por ser contrário ao uso dos nomes específicos, que é parte do helenismo.

Logo, segundo os *sch. A*, *sch. Vat.* e *sch. Lond.*, pode-se concluir, em primeiro lugar, que Teágenes teria sido gramático, ou melhor, teria principiado a gramática mais nova, cujo termo é o helenismo, e, em segundo lugar, que se teria ocupado com a imposição de nomes impróprios, ou melhor, com a imposição de nomes de deuses a elementos da natureza e a disposições da alma, porque tal modo de nomear não convém ao helenismo. Daí, porém, é para perguntar como se poderia conciliar a exegese filosófica ou teológica, de que testemunham os *sch. B*, com a exegese gramatical ou filológica, de que testemunham os *sch. A*, *sch. Vat.* e *sch. Lond.*. Pois, segundo os *sch. B*, Teágenes teria explicado por alegoria os mitos homéricos para acomodá-los a arrazoado filosófico sobre a natureza e a alma e, assim, defendê-los contra os filósofos que os acusavam de impróprios. Segundo os *sch. A*, *sch. Vat.* e *sch. Lond.*, porém, se Teágenes explicou por alegoria os mitos homéricos – coisa de que, todavia, aqueles escólios absolutamente não testemunham –, só poderia tê-lo feito para mostrar como nomes, que alhures se referem propriamente a deuses, lá se transferem imprópriamente a elementos da natureza e a disposições da alma, e não para julgar da adequação dos mitos de Homero aos arrazoados dos filósofos. Em suma, Teágenes teria julgado Homero, segundo uns, pelos critérios filosóficos da física e ética e, segundo outros, pelos critérios gramaticais do helenismo.

Ora, o filósofo, de um lado, deveria recorrer à exegese alegórica quando uma proposição da *Iliada* discrepasse, por exemplo, da doutrina sobre os deuses, isto é, da teologia professada por ele; o gramático, de outro lado, quando uma frase da *Iliada* se desviasse da correção das palavras, isto é, do helenismo praticado por ele. Em outras palavras, o filósofo deveria recorrer à exegese alegórica quando uma proposição da *Iliada* lhe parecesse filosoficamente imprópria, isto é, ímpia; o gramático, quando uma frase da *Iliada* lhe parecesse gramaticalmente imprópria, isto é, obscura. Por isso os *sch. B*, de um lado, ao referir a exegese filosófica de Homero, referem a exegese alegórica de HOM. *Il.* XX 67-74, em que se narram as guerras dos

<sup>33</sup> ARSIT. *Poet.* 21 1457 b 6-7: μεταφορά δέ ἐστιν ὀνόματος ἀλλοτρίου ἐπιφορά (Transferência [= metáfora], por sua vez, é referência de nome alheio).

<sup>34</sup> *Sch. Lond. D. Thr.* 1: GG I/3 456,27-8: Τρόπος ἐστὶ λέξις ἢ φράσις πεποιημένη ἢ τετραμμένη ἀπὸ τοῦ κυρίου εἰς τὸ μὴ κύριον κατὰ τινα λόγον εἰς δῆλωσιν εὐπρεπεστέραν (Tropo é palavra ou frase forjada ou torcida do próprio para o não próprio segundo certa razão, mais conveniente à clareza).

deuses, e os *sch. Lond.*, de outro lado, ao referir a exegese gramatical de Homero, referem a exegese alegórica de HOM. *Il.* XIX 221-4, em que Odisseu replica a Aquiles, dizendo que chega aos homens o asco da querela, de que o bronze difundiu pelo chão muitíssima palha, e a messe é pouquíssima, assim que a balança é inclinada por Zeus. Pois, de um lado, o que se diz em HOM. *Il.* XX 67-74, isto é, que “frente a Posidão, soberano, se susteve Febo Apolo”, não chama a atenção do gramático, na medida em que a frase é correta, isto é, as palavras se referem a casos próprios, assim: as palavras “Posidão” e “Febo Apolo”, a deuses, e as palavras “susteve-se frente a [...]”, ao enfrentamento, mas chama a atenção do filósofo, na medida em que a proposição é ímpia, isto é, discrepa da doutrina teológica segundo a qual não convém forjar os deuses a partir dos homens, impondo àqueles os padecimentos que fazem estes, por exemplo, guerrear uns com os outros. De outro lado, o que se diz em HOM. *Il.* XIX 221-4 não chama a atenção do filósofo, na medida em que a proposição é pia, isto é, forja Zeus como aquele que decide da sorte dos homens que pelejam, mas chama a atenção do gramático, na medida em que a frase é obscura, isto é, as palavras se transferem a casos impróprios, assim: as palavras “muitíssima palha” aos muitos mortos, e as palavras “pouquíssima messe” ao breve instante em que muitos morrerão na peleja.

Ora, os *sch. Vat.*, sobre distinguir entre a gramática antiga e a mais nova, que teria principiado com Teágenes, distinguem entre a pequena e a grande, dizendo que o ofício daquela são os caracteres da escrita e as combinações destes, ou melhor, a escrita e a leitura da voz escrita, e o ofício da grande a decodificação dos poetas e também dos prosadores. Depois, porém, advertem-nos de que de uma questão filosófica, por exemplo, quadra com o gramático o excurso e a composição, e com o filósofo, a questão

mesma.<sup>35</sup> Assim também, os *sch. Lond.*, ao comentar a segunda parte da gramática arrolada por Dionísio da Trácia (*Sch. Lond. D. Thr.* 1: GG I/3 455,22 - 462,35; cf. 455,22), isto é, a exegese segundo os tropos poéticos presentes no poema (D. THR. 1,4-5), e ilustrá-la com a exegese segundo alegoria de HOM. II. XIX 221-4 (*Sch. Lond. D. Thr.* 1: GG I/3 456,8-14), advertem-nos de que a exegese do gramático não deve proceder como a do filósofo, porque aquela deve explicar os mitos como mitos, sem resolvê-los em teologia (ib. 1: GG I/3 455,34 - 456,8). Daí, chama a atenção que os *sch. B* usem do verbo ἐπιλύουσιν (resolvem) quando recordam que Teágenes teria resolvido as acusações contra Homero (cf. THEAG. frg. DK 2: I 52,2), porque é do particípio ἀναλύοντες (a resolver) que os *sch. Lond.* usam quando proíbem ao gramático resolver os mitos em teologia.

Logo, pode-se concluir não só que as alegorias físicas e éticas atribuídas a Teágenes pelos *sch. B* são incompatíveis com o tempo em que aquele floresceu, mas que, segundo os *sch. A, sch. Vat.* e *sch. Lond.*, nenhuma alegoria de cunho filosófico pode ser atribuída a Teágenes. Ora, o testemunho de Taciano o Apologeta (fl. ca. 172 d.C.) parece corroborar tal conclusão. Pois, no *Arrazoado para os helenos*, Taciano, de um lado, refere o nome de Teágenes quando, para provar que Moisés é mais antigo que

---

<sup>35</sup> *Sch. Vat. D. Thr.* 1: GG I/3 114,23-34: Διχῶς οὖν λέγεται παρὰ τοῖς ἀρχαίοις, γραμματικὴ μικρὰ καὶ γραμματικὴ μεγάλη· καὶ μικρὰ μὲν ἔστιν, ἥς ἔργον τοὺς χαρακτήρας τῶν γραμμάτων εἰδέναι καὶ τὰς συλλήψεις αὐτῶν· τοὺς μετιόντας ταύτην νῦν διδασκάλους καλοῦσι, καὶ ἔστιν αὕτη τέχνη περὶ τὸ γράφειν καὶ ἀναγινώσκειν τὴν ἔγγραφον φωνήν. Μεγάλην δὲ γραμματικὴν λέγουσι τὴν καταγινωμένην περὶ τὴν ἐρμηνείαν τῶν ποιητῶν, ἣντινα οὕτως ὀρίζουσι· «γραμματικὴ ἔστι τέχνη θεωρητικὴ τῶν παρὰ ποιηταῖς τε καὶ λογεῦσιν»· λογεις δὲ λέγουσι τοὺς ἱστορικοὺς καὶ φιλοσόφους καὶ ἱατροὺς καὶ ὄσους ἐν τῷ χορῶ τῶν λογίων τιθέναι δίκαιον· καὶ γὰρ φιλοσόφου ὄντος τοῦ θεωρήματος, ἢ μὲν ἀφήγησις καὶ ἡ σύνταξις τῷ γραμματικῷ ἀρμόζει, τὸ δὲ ζήτημα αὐτὸ τῷ φιλοσόφῳ (Logo, entre os antigos diz-se de duas maneiras: gramática pequena e gramática grande. E pequena é aquela cujo ofício é perceber os caracteres das letras e as uniões delas. Os que buscavam essa chamam-nos hoje mestres, e essa é arte relativa a escrever e a ler o vocábulo escrito. Grande gramática, por sua vez, dizem a que lida com a interpretação dos poetas, a qual definem assim: “gramática é arte especulativa do que há nos poetas e também prosadores”. Prosadores, por sua vez, dizem os historiadores, os filósofos, os médicos, e quantos é justo pôr no coro dos eloquentes. Pois, sendo filosófica uma especulação, a enunciação e construção, de um lado, quadram com o gramático, e a questão mesma, de outro lado, com o filósofo); cf. 120,35 - 121,3: Καὶ ἡ γραμματικὴ δὲ κατὰ τὸ παλαιὸν ἐν δύο σημαινομένοις ἦν· τὴν μὲν γὰρ μικρὰν ἐκάλου, ἥτις ἦν τέχνη περὶ τὸ γράφειν καὶ ἀναγινώσκειν τὴν ἔγγραμματον φωνήν, τοὺς τε χαρακτήρας τῶν γραμμάτων εἰδέναι καὶ τὰς συλλήψεις αὐτῶν ἡγουν τὰς συλλαβάς· τὴν δὲ μεγάλην ἐκάλου, τὴν περὶ τοὺς ποιητὰς <καὶ τοὺς λογεις> θεωρίαν, ἣντινα νῦν ἐξηγοῦνται οἱ γραμματικοί, καὶ ἔστιν αὕτη τέχνη θεωρητικὴ τῶν παρὰ ποιηταῖς τε καὶ λογεῦσιν (E a gramática, por sua vez, residia em dois sentidos segundo a Antiguidade. Pois, de um lado, chamavam pequena aquela que era arte relativa a escrever e a ler o vocábulo escrito, e a perceber os caracteres das letras e as junções delas, isto é, as sílabas. De outro lado, chamavam grande a especulação relativa aos poetas e prosadores, a qual os gramáticos prescrevem agora, e ela é arte especulativa do que há nos poetas e também prosadores).

Homero (TATIAN. *Ad Graec.* 31,1; 36,1; 39,1; 40,1; 41,1), trata de datar este (id. ib. 31-5), e, de outro lado, nada diz acerca de Teágenes quando, para refutar a concepção de divindade dos helenos, lhes pede para não alegorizar nem os mitos nem os deuses (id. ib. 21). Em outras palavras, Teágenes teria escrito acerca da vida de Homero, e não acerca de alegorias da *Iliada*.

### 3. Anaxágoras de Clazômenas e Metrodoro de Lâmpsaco

Na verdade, no passo supracitado do *Arrazoado para os belenos*, Taciano não só não refere Teágenes de Régio, como refere outro exegeta de Homero: Metrodoro de Lâmpsaco (séc. V a.C.), ou melhor, refere um passo do *Acerca de Homero* em que Metrodoro teria traduzido em alegoria deuses e também heróis dos mitos homéricos (id. ib. 21,3 [= M. LAMPS. frg. DK 3]; cf. id. ib.: εἰς ἀλληγορίαν μετάγων [a traduzir em alegoria]). Ao contrário dos testemunhos de Teágenes, porém, os testemunhos de Metrodoro recolhidos por H. Diels<sup>36</sup> parecem concordar em que se identifique Metrodoro com um alegorista. Assim, de um lado, Hesíquio (séc. V uel VI d.C.) refere que Metrodoro disse, alegoricamente, ser Agamêmnon o éter. De outro lado, o *Ião* de Platão prende o nome de Metrodoro aos de outros que, por sua vez, estudaram os subentendidos da *Iliada* e *Odisséia*. De fato, incitado pelos cumprimentos e elogios de Sócrates, Ião gaba-se de que nem Metrodoro de Lâmpsaco nem Estesíbroto de Taso nem Glaúcio proferem tão numerosas e tão belas intelecções acerca de Homero quanto ele (PLAT. *Ion* 530 b-d [= M. LAMPS. frg. DK 1]). No *Convívio* de Xenofonte, porém, perguntado sobre o estudo por que tinha maior apreço, Nicérato gaba-se de que poderia proferir de cor a *Iliada* e a *Odisséia* toda. Então, Antístenes, de um lado, retruca, dizendo que também os rapsodos todos estudaram aquelas epopéias, e todavia são raça estultíssima, e Sócrates, de outro lado, apressa-se a explicar que os rapsodos não estudam os subentendidos (cf. XEN. *Conn.* III 6: τὰς ὑπονοίας [os subentendidos]), mas a Nicérato não escapa nada do que naquelas epopéias é digno de muito, porque estudou com Estesíbroto, Anaximandro e muitos outros (id. ib. III 5-6). Daí, conclui-se que Metrodoro de Lâmpsaco teria traduzido os mitos homéricos em alegoria assim como Estesíbroto de Taso teria estudado os subentendidos da *Iliada* e *Odisséia*.

Demais, os testemunhos atribuem a Metrodoro exegeses alegóricas de Homero que parecem supor arrazoado filosófico compatível com o tempo em que Metrodoro floresceu. Ora, segundo Taciano, este teria traduzido

---

<sup>36</sup> Os testemunhos são: [1.] o *Ião* de Platão; [2.] Diógenes de Laertes (séc. III d.C.); [3.] o *Arrazoado para os belenos* de Taciano o Apologeta (fl. ca. 172 d.C.); [4.] Hesíquio (séc. V uel VI d.C.); [5.] as *Questões homéricas pertencentes à Iliada* de Porfírio de Tiro (séc. 233-305 d.C.); [6.] a *Seleção de cronografia* de George o Sincelo (m. ca. 810 d.C.).

toda a *Ilíada* em alegoria, ou melhor, teria traduzido os nomes de deuses e homens em substratos da natureza e reordenações dos elementos (cf. M. LAMPS. frg. DK 3: II 49,18: φύσεως δὲ ὑποστάσεις καὶ στοιχείων διακοσμήσεις [os substratos, por sua vez, da natureza e as reordenações dos elementos]; II 49,20: τῆς αὐτῆς φύσεως ὑπάρχοντας [a ser o princípio da mesma natureza]); segundo Filodemo de Gádara (séc. I a.C.), teria traduzido os nomes de heróis em partes da natureza, isto é, em elementos, e os deuses em partes do corpo humano, isto é, em órgãos, ou melhor, teria dito que dos homens Agamêmnon é o éter, e Aquiles o sol, e Hélen a terra, e Alexandro o ar, e Héctor a lua, e que dos deuses Demetre é o fígado, e Dioniso o baço, e Apolo a bile.<sup>37</sup> Logo, a exegese alegórica de Metrodoro supõe arraçoado filosófico que contemple não só as partes ou elementos da natureza, mas as partes ou órgãos do corpo humano, ou ainda, que conjugue as especulações físicas e fisiológicas.

Ora, por meio de tal tradução, Metrodoro visaria a acomodar os mitos de Homero ao arraçoado de Anaxágoras de Clazômenas (500-428 a.C.) sobre o princípio das coisas. Pois tal arraçoado, físico, Anaxágoras assenta o noutro, fisiológico, que versa sobre a nutrição e as partes do corpo humano. De fato, Anaxágoras supõe que na natureza tudo está misturado com tudo, ou melhor, que cada coisa contém as demais, de maneira que não só as coisas constam de partes semelhantes, mas as coisas, infinitas, constam de infinitas partes semelhantes, a que Anaxágoras chama *ὁμοιομέρειαι* (homeomerias).<sup>38</sup> Porém, Anaxágoras só chegou a tal entendimento da infinitude dos princípios (ANAXAG. frg. DK A 41: II 15,17,30; A 42: II 16,3; A 43: II 17,13-4) ou elementos (id. frg. DK A 45: II 18,1,5-6; B 1, 2) da natureza observando o processo da nutrição e a formação das partes do corpo humano. Pois, tendo observado que da nutrição (por exemplo, do pão) muitas coisas dessemelhantes se geram (por exemplo, carnes, ossos, veias, nervos, cabelos, unhas), supôs que na nutrição subsistem, misturadas, partes similares ao que delas, discernidas, se gera, pelo que as chamou *ὁμοιομέρειαι* (homeomerias) (id. frg. DK A 43, 45, 46; B 1, 10). Ora, tal arraçoado fisiológico é peculiar a Anaxágoras na medida em que, antes dele, os sábios da Jônia versaram tão-só nos

<sup>37</sup> M. LAMPS. frg. DK 4: Ἀγαμέμνονα τὸν αἰθέρα Μητρόδωρος εἶπεν ἀλληγορικῶς. – καὶ περὶ νόμων καὶ ἔθισμῶν τῶν παρ' ἀνθρώποις, καὶ τὸν Ἀγαμέμνονα μὲν αἰθέρα εἶναι, τὸν Ἀχιλλεῖα δ' ἥλιον, τὴν Ἑλένην δὲ γῆν καὶ τὸν Ἀλέξανδρον ἀέρα, τὸν Ἑκτορα δὲ σελήνην καὶ τοὺς ἄλλους ἀναλόγως ὀνομάσθαι τούτοις. τῶν δὲ θεῶν τὴν Δήμητρα μὲν ἦπαρ, τὸν Διόνυσον δὲ σπλήνα, τὸν Ἀπόλλω δὲ χολήν (Metrodoro declara de modo alegórico que Agamêmnon é o éter. – E, acerca das leis e costumes dos homens, Metrodoro diz que Agamêmnon é o éter, e Aquiles o sol, e Hélen a terra, e Alexandro o ar, e Héctor a lua, e assim também chama os outros de modo análogo a esse, e dos deuses [diz] que Demetre é o fígado, e Dioniso o baço, e Apolo a bile).

<sup>38</sup> ANAXAG. frg. DK A 1: II 5,28-9; A 15: II 10,23; A 4; A 41: II 15,17; A 43: II 17,14; A 45: II 18,2; A 46: II 18,30-1; A 51: II 20,13; A 104: II 30,16.

elementos da natureza e partes do mundo, e, após ele, os que versaram na nutrição e partes do corpo humano, como Diógenes de Apolônia (fl. 430 a.C.; cf. DIOG. AP. frg. DK A 19, 22, 29, 31; B 6; C 2, 3a, 3b), o fizeram segundo Anaxágoras (id. frg. DK A 5, 20). Assim, das partes do corpo humano em que Metrodoro traduz os nomes dos deuses, Anaxágoras tratou a bile (ANAXAG. frg. DK A 105: II 30,18), e Diógenes o fígado e o baço (DIOG. AP. frg. DK B 6: II 63,16-7).<sup>39</sup>

Ora, justificar-se-ia a dependência da exegese alegórica de Metrodoro para o arrazoado filosófico de Anaxágoras por aquele ter sido não só contemporâneo, mas conhecido deste (M. LAMPS. frg. DK 2; cf. 6; ANAXAG. frg. DK A 1: II 6,19-23). Demais, Anaxágoras dizia a causa material dos ventos, ao passo que Homero dizia a poética (ANAXAG. frg. DK A 86a). Assim também, explicava por arrazoado físico o que outros narravam por mito; por exemplo, o Leão de Nêmea, que alguns fabulavam (cf. id. frg. DK A 77: II 24,30: *μυθολογοῦσιν* [fabulam]), a Anaxágoras parecia que caíra da lua porque esta, como demonstrava, era região plana (id. ib.). Aliás, quando Fedro pergunta a Sócrates se tem fé que seja verdadeiro certo fabulado de Bóreas e Orituia (cf. PLAT. *Phaedr.* 229 c: *μυθολόγημα* [fabulado]), e aquele responde afirmativamente, porque tem por demasiado ferozes e penosas as explicações dos sábios segundo as quais o sopro de Bóreas é que teria empurrado Orituia do alto das pedras (id. ib. 229 b - 230 a) – enfim, quando aquilo pergunta Fedro, é possível que Sócrates, com sua resposta, esteja a aludir às explicações físicas que Anaxágoras emprestava aos mitos, explicações que, de fato, recriminava (id. *Ap.* 26 d [=ANAXAG. frg. DK A 35]).

## Conclusão

Antes de tudo, dos testemunhos de Teágenes de Régio recolhidos por H. Diels, um único atribui-lhe a paternidade da exegese alegórica dos mitos homéricos: o dos *sch. B* da *Iliada*. Demais, tal testemunho incorre em dois obstáculos, na medida em que tanto é inconsistente por si como é incoerente com os demais testemunhos. Pois, de um lado, os *sch. B* testemunham de um julgamento de Homero, de que tanto os acusadores como os defensores julgam os mitos homéricos à luz do arrazoado filosófico, ou melhor, uns acusam HOM. *Il.* XX 67-74, porque o que se

---

<sup>39</sup> Observe-se, porém, que tanto Diógenes como Empédocles descrevem a ligação entre fígado e veias, ou melhor, aquele diz que das veias umas tendem da direita para o fígado, e outras da esquerda para o baço (DIOG. AP. frg. DK B 6: II 63,14-7), e Empédocles, que duas veias e duas artérias se enraizam no fígado (EMPED. frg. DK A 79), o qual por isso ele qualifica como sangüíneo (cf. id. frg. DK B 61: I 334,15: *ἐξαιματοῦν* [transforma em sangue]; B 148. 149. 150: I 370,16: *πολυαίματον* [cheio de sangue]).

entende do texto, isto é, que os deuses se batem uns com os outros, discrepa da doutrina teológica dos filósofos, e outros o defendem, porque o que se subentende por alegoria, isto é, que os deuses se enfrentam assim como se batem os elementos da natureza e as disposições da alma, concorda com as doutrinas físicas e éticas dos filósofos. Porém, ao passo que a doutrina teológica, de que discrepa o texto, supõe a doutrina de Xenófanes de Colofão, contemporâneo a Teágenes, as doutrinas físicas e éticas, com que concorda a alegoria, supõem, todavia, as doutrinas de Empédocles de Agrigento e Platão, posteriores a Teágenes. Daí, conclui-se, em primeiro lugar, que o testemunho dos *sch. B* é inconsistente por si.

De outro lado, ao passo que o Teágenes dos *sch. B* se ocupa com teologia e com física e ética, o Teágenes dos demais testemunhos ocupa-se com helenismo; ou ainda, ao passo que aquele explica por alegoria os passos da *Iliada* que lhe parecem ímpios, ou melhor, cuja proposição discrepa do arrazoado filosófico sobre os deuses, este explica por alegoria os passos da *Iliada* que lhe parecem obscuros, ou melhor, cuja frase se transfere a coisas a que é imprópria; ou ainda, ao passo que a exegese alegórica daquele defende a proposição da *Iliada*, acomodando-a aos arrazoados filosóficos sobre a natureza e a alma, a exegese alegórica deste esclarece a frase da *Iliada*, referindo-a às coisas a que é própria. Daí, pode-se concluir, em segundo lugar, que o testemunho dos *sch. B* é incoerente com os demais.

Mais coerentes e mais consistentes, porém, são os testemunhos de Metrodoro de Lâmpsaco recolhidos por H. Diels, e também mais numerosos os que o identificam com um alegorista de Homero. Pois mais de um testemunho ou diz que Metrodoro foi alegorista ou prende o nome deste aos de outros que estudaram os subentendidos da *Iliada* e *Odisseia*; por exemplo, ao de Estesíbroto de Taso. Já as alegorias que mais de um testemunho atribui a Metrodoro acomodam os mitos homéricos à doutrina física ou fisiológica de Anaxágoras de Clazômenas. Ora, este não só conheceu Metrodoro, mas explicou por arrazoado físico o que outros narravam por mito. Daí, poder-se-ia concluir que a paternidade da exegese alegórica dos mitos homéricos pertence, não a Teágenes, mas a Metrodoro e também a Anaxágoras. Talvez a lição de Favorino (n. ca. 75 d.C.), referida por Diógenes de Laertes, possa corroborar tal conclusão. Pois, segundo aquele, Anaxágoras de Clazômenas (500-428 a.C.) teria sido o primeiro a afirmar que a poesia de Homero versa acerca de excelência e justiça, e Metrodoro de Lâmpsaco, o primeiro a ocupar-se com a concepção física (DL II 11 [= ANAXAG. frg. DK A 1: II 6,19-23; M. LAMPS. frg. DK 2]). Em outras palavras, Anaxágoras e Metrodoro teriam sido os primeiros a acomodar os mitos homéricos, por meio da exegese alegórica, aos arrazoados físicos e éticos. Se a conclusão, porém, é válida, não espanta que Eurípides, que teria sido aprendiz de Anaxágoras (cf. ANAXAG. frg. DK A

1, 7, 20a, 20b, 20c, 33, 62, 112), chame Zeus quer necessidade da natureza quer intelecto dos mortais,<sup>40</sup> traduzindo o nome do deus tanto em conceito físico como em conceito ético.

## FONTES ANTIGAS

ARISTOTE (1980), *La poétique*. Texte, traduction, notes par R. DUPONT-ROC et J. LALLOT. Paris : Éditions du Seuil.

ARISTOTELIS (1986), *Ars rhetorica*. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit W. D. ROSS. 6 ed. Oxford: Oxford University Press.

*Die Fragmente der Vorsokratiker* (1989-1990), Griechisch und Deutsch von H. Diels. Herausgegeben von W. Kranz. Zürich / Hildesheim: Weidmann, 3 v.

DIOGENES LAERTIUS (1995), *Lives of eminent philosophers*. Translated by R. D. HICKS. 2 ed. 9 impr. Cambridge / London: Harvard University Press, 2 v.

ISOCRATES (1995), *Antidosis*. In: -. With an English translation by G. NORLIN. Cambridge / London: Harvard University Press, v. I, p. 179-365.

PLATONIS (1903-1995), *Opera*. Oxford: Oxford University Press, 3 t.

PLUTARQUE (1987), *Comment lire les poètes*. Texte établi et traduit par A. PHILIPPON. In: -. *Oeuvres morales*. Paris : Les Belles Lettres, 1987. t. I<sup>1</sup>, p. 65-172.

*Scholia in Dionysii Thracis artem grammaticam* (1901), Recensuit et apparatus criticum indicesque adiecit A. Hilgard. Leipzig: B. G. Teubner, pt. I, v. 3.

TATIANI (1888), *Oratio ad Graecos*. Recensuit E. Schwartz. Leipzig.

WACHSMUTH, C. (1885), *Sillogaphorum Graecorum reliquiae*. Leipzig.

XENOPHONTIS (1991), *Conuiuium*. Recognovit breuique adnotatione critica instruxit E. C. MARCHANT. 2 ed. 13 impr. In: -. *Opera omnia*. Oxford: Oxford University Press, t. II, p. 221-61.

---

<sup>40</sup> EUR. *Tr.* 886 (= ANAXAG. frg. DK A 20c: II 12,9): Ζεύς, εἴτ' ἀνάγκη φύσεος εἴτε νοῦς βρωτῶν (Zeus, quer necessidade da natureza, quer intelecto dos mortais).